



//Sociedade

//PERFIL

José Manuel Silva

54 ANOS, NATURAL DE POMBAL

**INTERVENTIVO
QUANTO BASTE**

A frente da Ordem dos Médicos no triénio 2011-2013, José Manuel Silva é certamente um dos bastonários mais interventivos da história.

ENTREVISTA JOSÉ MANUEL SILVA

“NÃO PROVOCO GUERRAS MAS NÃO AS RECEIO”



LISA SOARES / GLOBAL IMAGES

Inês Schreck
ines@jn.pt

O único candidato a bastonário da Ordem dos Médicos (OM) é reeleito hoje. José Manuel Silva prevê um aumento dos problemas no SNS e garante que continuará a intervir sempre que necessário.

Há apenas um candidato a bastonário. O cargo perdeu interesse ou a classe está muito bem representada?

Talvez sejam as duas justificações. O cargo neste momento é muito complexo, exigente e difícil, mas acredito que a maioria da classe médica se sinta razoavelmente representada.

Quais são as prioridades para o próximo triénio?

Para além da revisão dos estatutos que está em curso, tenho três objetivos primordiais: lançar o debate sobre a proletarianização dos médicos e da medicina, que é particularmente prejudicial aos doentes; discutir a contratação

lização a nível dos cuidados de saúde porque estão a ser impostos cortes, metas e indicadores por vezes insustentáveis e inatingíveis. A terceira prioridade é fazer, no próximo ano, presidências abertas para avaliar o que se passa no terreno e divulgar as dificuldades dos médicos, dos doentes e do exercício da profissão.

O seu mandato foi marcado por “guerrilhas” com farmácias, com a tutela, ex-bastonários, outras ordens e até a nível interno. Vai manter o estilo?

Não é uma questão de estilo, não procuro guerrilhas, nem provooco guerras, simplesmente também não as receio nem as evito quando sou confrontado com elas.

Continua a achar que as farmácias enganam os doentes?

As farmácias estão perante dificuldades, mas não podem resolvê-las enganando a realidade. É que agora que os médicos estão a prescrever os medicamentos mais baratos, saem das farmácias os medi-

camentos mais caros. Recorde-se que uma auditoria feita pelo Infarmed verificou que 11% das farmácias não tinham nenhum dos três medicamentos dos cinco mais baratos. Ora, a lei obriga a ter três dos cinco, mas o estudo não diz qual a percentagem de farmácias que os tinham. Imagino que a esmagadora maioria não o teria e, por isso, esse número não foi divulgado para proteção das farmácias.

Sente que, nos últimos três anos, criou várias inimizades?

Não considero que possa qualificar-se como inimizado. Eu distingo as questões institucionais de questões pessoais.

Como é a sua relação institucional com o ministro da Saúde?

Absolutamente cordial e sempre que considero que se justifica envio-lhe uma sms informal. O que não me impede naturalmente de dizer o que penso.

Não aceita que os dentistas passem atestados para as

cartas de condução. São médicos de segunda?

Não são médicos ponto final. A sua formação pré-graduada e a prática são substancialmente diferentes das dos médicos, não lhes permitem emitir um atestado global para condução.

Então, não deviam chamar-se médicos?



NÃO SE RESOLVE O PROBLEMA [ABUSO NA PRESCRIÇÃO DE ANTIBIÓTICOS] COLOCANDO UM POLÍCIA ATRÁS DE CADA MÉDICO”.

Se calhar, não, porque, pelos vistos, é gerador de confusão. Não basta ter médico no nome para se ser médico. E não há aqui nenhuma desconsideração, há o reconhecimento das especificidades e da dignidade de cada uma das profissões. Um exame para a carta implica uma avaliação neurológica, psicológica, psiquiátrica, oftalmológica, cardiovascular, física, não é essa a preparação que recebem os médicos dentistas. Há dias insinuou que os deputados da Comissão de Saúde foram pouco sérios no processo legislativo das terapêuticas não convencionais. Houve corrupção?

Eu não insinuei, eu disse. A OM colaborou nessa discussão e nessa redação, mas nunca se falou na introdução da medicina tradicional chinesa. Houve uma proposta de última hora e a OM não foi ouvida sobre a medicina tradicional chinesa.

Propositadamente?

Não sei, mas o resultado é o mesmo. O que pedíamos era muito simples: em vez de

medicina tradicional chinesa queríamos que se chamassem terapêuticas tradicionais chinesas. Medicina é uma palavra latina, é um conceito ocidental e tem uma ideia de base científica.

O que levou a isto?

Houve um claro tratamento de favor para uma terapêutica que se autointitulou medicina. Se me pergunta porque, posso especular, tenho esse direito.

Em 2011, disse ao tomar posse: “Que me perdoe a Comunicação Social, mas o bastonário não pode correr o risco de se transformar numa espécie de comentador desportivo da saúde”. Não foi o que aconteceu?

Não tinha intenção de aparecer tanto, mas as circunstâncias obrigaram-me quase a ser um comentador desportivo da saúde. Os problemas eram diários e a necessidade da Comunicação Social ouvir a opinião da Ordem dos Médicos era proporcional.

Está a falar no passado. Vai deixar de fazer os seus comentários?



ria daquela instituição. Hoje, dia de eleições, volta a assumir o cargo, tendo a abstenção como único opositor. Residente em Coimbra, é es-

pecialista em Medicina Interna e chefe de Equipa do Serviço de Urgência dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

ELEIÇÕES REGIONAIS SÃO MAIS CONCORRIDAS

► O bastonário da Ordem dos Médicos não tem adversários na recondução ao segundo mandato, mas há candidatos a disputar as lideranças dos centros regionais do Centro e do Sul. No Norte, nada vai mudar. Miguel Guimarães vai ser reconduzido no cargo.

► O atual presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos, Fernando Gomes, recandidata-se e disputa a eleição com Carlos Cortes, médico do Centro Hospitalar do Médio Tejo.

► Para o Centro Regional do Sul e ilhas há dois candidatos e ambos disputaram o lugar de bastonário com José Manuel Silva em 2010, Jaime Teixeira Mendes, ex-diretor do serviço de Cirurgia Pediátrica do Hospital de Santa Maria (Lisboa) e Manuel Brito, administrador do Centro Hospitalar Lisboa Central.

Não prevejo que o futuro melhore, prevejo que piore. Com os cortes adicionais na área da saúde, com o empobrecimento adicional da população, vai haver mais problemas no SNS e na saúde em Portugal. Não poderemos deixar de aparecer, emitindo uma opinião construtiva.

Há um ano e meio, em entrevista ao JN, acusou Paulo Macedo de ter uma obsessão financeira e de estar a "inquinar o SNS". Piorou ou melhorou?

De facto, as questões financeiras são a grande preocupação do ministro da Saúde. Não é por acaso que já defendi PM [Paulo Macedo] a PM [primeiro-ministro], é porque considero que Portugal estaria mais bem governado. Não tenho dúvidas de que faz o melhor que pode, mas acho que devia ouvir mais os profissionais e os doentes, fazer visitas não programadas, conversar mais com as pessoas para sentir as dificuldades que existem no exercício prático da medicina e da acessibilidade dos doentes aos

cuidados de saúde. De resto, teve uma intervenção positiva na redução dos preços dos medicamentos e no combate à corrupção na saúde.

A saúde dos portugueses continua em risco?

Está em risco e vai piorar porque a situação do país vai piorar. Os sinais já são múltiplos: o aumento da taxa de mortalidade bruta e da taxa de mortalidade infantil; o presidente da comissão de saúde maternoinfantil a dizer que as grávidas de risco estão a deixar de ir às consultas; os nossos colegas que nos dizem que cada vez há mais doentes a faltar às consultas e com dificuldades em aceder a tratamentos.

É a realidade escondida?

O Ministério publicou recentemente um despacho censório que proíbe a divulgação das estatísticas locais e regionais de saúde e centraliza o processo na Direção-Geral da Saúde (DGS). Isto procura evitar que a realidade do país seja conhecida. Os números divulgados pelo Ministério da Saúde não são auditados por ninguém, portanto devem ser olhados com muitas reservas.

Já disse que não são os anéis e as pulseiras dos médicos que propagam as infeções hospitalares. Que medidas devem ser tomadas?

Não, não são. E enquanto não houver um trabalho conjunto, não pode haver resultados positivos. Não vale a pena falar em lavagem das mãos se os hospitais não disponibilizarem aos profissionais uma bata lavada todos os dias. É preciso uma intervenção global para a qual a OM se disponibiliza.

Concorda com o controlo que se perspetiva sobre a prescrição de antibióticos?

Somos favoráveis a todo o tipo de controlo, desde que entendido em sentido positivo. Nenhum problema do país se resolve por decreto ou com polícias. É preciso que na DGS se saiba que não se resolve o problema colocando um polícia atrás de cada médico. Vamos de uma vez por todas sentarmo-nos à mesa e implementar um plano global de combate ao uso inadequado dos antibióticos e às infeções hospitalares. ●



Ver entrevista em
www.jn.pt

